

notas e desvios, uma tradução.

Cezar Migliorin
2018



— Meu poema intitula-se "O Grande Inquisidor"; é absurdo, mas quero que o fiques conhecendo.

184

— Com efeito, disse o velho prior anão, faz-me observar que não há nada de diferente no pensamento de uma palavra às suas antigas palavras. Talvez o traço fundamental do racionalismo romano, na minha humilde opinião: "Tudo foi transmitido por escrito para, tudo depende pois agora do papa, não venhas estorvar-me antes do tempo, pelo menos". Tal é a doutrina deles, dos jesuítas, em todo caso. En-

certamente muito em seu fôro íntimo. Sem dúvida, êsse despeito existia, era fatal, mas havia outra coisa. "Estar ansioso até a náusea e não poder precisar o que quero. Não pensar, talvez..."

Ivã Fiódorovitch tentou "não pensar", mas nada conseguiu. O que o irritava sobretudo era que aquela ansiedade tinha uma causa fortuita, exterior, sentia-o êle. Um ser ou um objeto obsedava-o vagamente, da mesma maneira que se tem por vêzes diante dos olhos, sem que se perceba, durante um trabalho ou uma conversação animada, alguma coisa irritante até o sofrimento, até que nos vem por fim a idéia de afastar aquêle objeto incômodo, muitas vêzes uma bagatela: uma coisa que não está no lugar, um lenço caído no chão, um livro fora da estante, etc. De muito mau humor, chegou Ivã à casa paterna; a quinze passos da porta ergueu os olhos e adivinhou de repente o motivo de sua perturbação.

Sentado num banco, perto do portão, o criado Smierdiákov tomava fresco. Ao primeiro olhar compreendeu Ivã que aquêle Smierdiákov o incomodava e que sua alma não podia suportar como um raio de luz. Ainda há pouco, quando Aliócha chegou ao encontro com Smierdiákov, sentira uma sombria repulsa, e, por contragolpe, animosidade. Em seguida, durante a conversa, não pensou mais naquilo, mas, desde que se encontrou só, a sensação esquecida emergiu do inconsciente. "Será possível que êsse miserável me inquiete a tal ponto?", pensava êle, exasperado.

Com efeito, havia pouco, sobretudo nos últimos dias, tomara aversão àquêle homem. Êle próprio acabara por notar aquela antipatia crescente. O que a agravava talvez é que, no comêço de sua estada entre nós, experimentava Ivã Fiódorovitch por Smierdiákov uma espécie de simpatia. Achara-o a princípio muito original e conversava habitualmente com êle, julgando-o um pouco limitado ou antes inquieto, e sem compreender o que podia mesmo atormentar constantemente aquêle contemplador. Entretinham-se também com questões filosóficas, perguntando mesmo por que a luz brilhava no primeiro dia — quando o sol, a lua e as estrêlas só tinham sido criados no quarto dia — e a maneira de compreender isso. Mas em breve Ivã Fiódorovitch convenceu-se de que Smierdiákov interessava-se mediocrementemente pelos astros e que lhe era preciso outra coisa. Manifestava um amor-próprio excessivo e ofendido. Isto desagradou bastante a Ivã e engendrou sua aversão. Mais tarde sobrevieram incidentes desagradáveis, o aparecimento de Grúchenka, as brigas de Dimítri com Ivã, houve barulho. Se bem que Smierdiákov sempre falasse com agitação, não se podia saber o que desejava êle para si mesmo. Alguns de seus desejos, quando os formulava involuntariamente, impressionavam pela sua incoerência. Eram constantemente perguntas, alusões que êle não explicava, interrompendo-se ou falando de outra coisa no momento mais animado. Mas o que exasperava Ivã e acabara por tornar-lhe Smierdiákov antipático era a familiaridade chocante que êste lhe testara a cada vez mais. Não que fôsse descortês, pelo contrário; mas Smierdiákov chegara a um ponto, Deus sabe por que, em que se acreditava solidário com Ivã Fiódorovitch; exprimia-se sempre como se existisse entre êles uma aliança secreta conhecida só dos dois e incompreensível para os que os cercavam. Ivã Fiódorovitch levou muito tempo para compreender a causa de sua repulsa crescente e só muito recentemente dera-se conta disso. Queria passar irritado e desdenhoso, sem nada dizer a Smierdiákov, mas êste se levantou e êsse gesto revelou a Ivã Fiódorovitch seu desejo de falar-lhe em particular. Olhou-o e parou, e o fato

de agir assim, em lugar de passar adiante como era sua intenção, transformou-o. Olhava com cólera e repulsa aquêla figura de anaco, de cabrões penteados sôbre as têmporas, com uma mecha levantada. O olho esquerdo piscava maliciosamente como para dizer-lhe: "Tu não passarás, vês bem que nós, gente de espírito, temos de conversar". Ivã Fiódorovitch estremeceu.

"Para trás, miserável! Que queres com a gente, imbecil?!", quis gritar; mas em lugar disso, com a mesma postura, e para grande assombro seu, proferiu coisa bem diversa.

— Meu pai ainda está dormindo? — perguntou num tom resignado, e sem esperar resposta, sentou-se no banco. Depois disso, quase teve medo, lembrando-se que Smierdiákov mantinha-se quase sempre com as mãos atadas à cintura, e que havia com segurança, quase com severidade.

— Reposte alguma coisa, disse, sem se apressar. Foi de quem me dirigiu por aí, me chamou. — O senhor me causou muito panto — acrescentou, depois de um longo silêncio, e depois de baixar a cabeça, brincando com o dedo do pé, botando-se a engatular, com o pé direito para a frente.

— Que é que me quer dizer? — perguntou secamente Ivã Fiódorovitch, esfregando o nariz e tentando manter-se mais rouseado por curiosidade, querendo saber se poderia dizer a qualquer coisa.

— Por que não? — respondeu Smierdiákov. — Perguntou Smierdiákov, com um sorriso amarelo. Deves compreender meu sorriso, se és um homem de espírito, para não dizer seu olho.

— Que queres dizer, Smierdiákov? — perguntou Ivã Fiódorovitch.

Houve um silêncio. — Fôde Pávlovitch, perguntou-lhe insistentemente, sem se apressar, como se não fosse nenhuma novidade. — Indico-te um motivo de desconfiança, uma ordem, uma coisa.

— Comos os seus olhos, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Comos os seus olhos, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Comos os seus olhos, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

— Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo. — Nada de novo, Sr. Fódorovitch, disse Smierdiákov, com um sorriso amarelo.

conquistasse uma multidão de corações mais pelo amor que pelos milagres e tivesse constituído como que uma falange com aqueles que o amavam, atraíra, no entanto, por isso mesmo, invejosos, depois inimigos encarniçados, declarados e ocultos, não somente no mosteiro, mas entre os leigos. Se bem que não houvesse causado dano a ninguém, dizia-se: "Por que passa ele por santo a tal ponto?" E somente esta pergunta, à força de repetida, acabara por engendrar um ódio inextinguível. De modo que, penso que muitos, ao saber que ele cheirava mal ao fim de tão pouco tempo — pois ainda não se passara um dia que ele morrera —, ficaram encantados; da mesma maneira, aquêles acontecimento foi quase um ultraje e uma ofensa pessoal para alguns dos partidários do *stáriets* que até então o haviam reverenciado. Eis em que ordem se sucederam as coisas.

Desde que se declarou a corrupção, bastava ver o aspecto dos religiosos que entravam na cela, podia-se adivinhar o motivo que os levava. O que entrava, tornava a sair ao fim de um momento para confirmar a notícia à multidão dos outros que o esperavam. Uns abanavam a cabeça com tristeza, outros não dissimulavam sua alegria, que explodia em seus olhares maliciosos. E ninguém lhes fazia censuras, ninguém elevava a voz em favor do defunto, o que era mesmo estranho, porque seus partidários formavam a maioria no mosteiro; mas via-se que o Senhor mesmo permitia que a maioria triunfasse provisoriamente. Em breve, apareceram na cela, também como emissários, leigos, na maior parte pessoas instruídas. O baixo povo não entrava, muito embora se comprimissem em multidão às portas do eremitério. É incontestável que a afluência dos leigos aumentou notavelmente, após três horas, em consequência daquela notícia escandalosa. Os que não teriam talvez vindo naquele dia chegavam agora de propósito e entre eles algumas pessoas duma posição notável. Aliás, o decôro não fôra ainda abertamente perturbado e o Padre Paísi, com olhar severo, continuava a ler o Evangelho à parte, com firmeza, como se não notasse nada do que se passava, se bem que já tivesse observado algo de insólito. Mas vezes a princípio tímidas, que se firmaram pouco a pouco e tomaram certa audácia, chegaram até seus ouvidos. "De modo que o julgamento de Deus não é o dos homens!", ouviu de repente o Padre Paísi. Esta reflexão foi formulada a princípio por um leigo, funcionário da cidade, homem de certa idade, que passava por muito piedoso; não fez, aliás, senão repetir em voz alta o que os religiosos diziam entre si ao ouvido desde muito tempo. O pior é que proferiam essas palavras pessimistas com uma espécie de satisfação que ia aumentando. Em breve, começou o decôro a ser perturbado, dir-se-ia que todos se sentiam autorizados a agir assim; "Como pôde ocorrer isso?", diziam alguns, a princípio como se lamentando, "ele não era corpulento, só tinha a pele e os ossos, por que haveria de feder?" "É uma advertência de Deus", apressavam-se em acrescentar outros, cuja opinião prevalecia, porque indicavam que, se o odor tivesse sido natural, como para todo pecador, ter-se-ia manifestado mais tarde, após 24 horas pelo menos, mas "isso adiantou-se à natureza", portanto deve-se ver nisso o dedo de Deus. Este raciocínio era irrefutável. O manso Padre Iósif, o bibliotecário, favorito do defunto, pôs-se a objetar contra certos maldizentes que "não era em toda parte assim", que a incorruptibilidade do corpo dos justos não era um dogma da ortodoxia, mas apenas uma opinião, e que nas regiões mais ortodoxas, no Monte Atos, por exemplo, liga-se menos importância ao odor deletério; não é a incorruptibilidade física que passa lá como o principal sinal da glorificação dos redimidos, mas a cor de

seus ossos, depois que seus corpos permaneceram longos anos sob a terra: "Se os ossos se tornam amarelos como a cêra, significa isto que o Senhor glorificou um justo; mas se ficarem negros, é que o Senhor não o julgou digno. E se não se pôde ir ao Monte Atos, santuário onde se conservam em toda a sua pureza as tradições da ortodoxia", concluiu o Padre Iósif. Mas as palavras do humilde padre não causaram impressão e provocaram nem réplica irônica: "Tudo isso é erudição e novidade, não adianta ouvir", decidiram entre si os religiosos. "Mantemos os antigos usos; seria preciso miter todas as novidades que apareçam", acrescentavam outros. "Temos tantos santos quanto eles. No Monte Atos, sob o jugo turco, esqueceram tudo. A ortodoxia alterou-se entre eles desde muito tempo, sem sinos têm", encareciam os mais íntimos. O Padre Iósif resolveu-se cheio de pesar, tanto mais quanto exprimira sua opinião com toda a segurança e sem ajuntar-lhe muita fé. Previa, na sua perturbação, uma cena chocante e um começo de tumulto. Pouco a pouco, e a seguir a do Padre Iósif, todas as vozes prudentes se calaram. Como por uma espécie de acordo, todos aqueles que haviam amado o defunto e acatado com ternura submisso a instituição do "stárieismo" foram de súbito tomados de pavor e imitaram-se a tocar os olhos quando se encontravam. Os inimigos do "stárieismo", que consideravam novidade, erguiam altivamente a cabeça. Não somente o Padre Varsanófi não fedia, mas espalhava um odor suave, recordavam eles com uma alegria maliciosa. Sem méritos e na sua posição lhe tinham valido essa justificação. Em seguida, a censura e até mesmo as acusações não foram poucas contra o defunto: "Ensina erradamente que a vida é uma grande alegria e não uma luta humilhante dolorosa", diziam alguns entre os mais obtusos. Cria segunda a nova moda, não admitia o fogo material no inferno", acrescentavam outros ainda mais obtusos. "Não jejuava rigorosamente, permitia-se o uso de doces, tomava mesmo docinhos de cereja com ele, de que gostava muito e que lhe eram enviados pela senhasa", disse a primeira a beber chá; diziam outros invejosos: "Estava cheio de agulho", lembravam com encarniçamento os mais malévolos, acreditando-se um santo, e lhe haviam-se diante dele, que aceitava isso como coisa devida." "Abusava do sacramento da comunhão", cochichavam malignamente os mais fogosos adversários do "stárieismo", e entre eles religiosos idosos, de uma devoção rigorosa, vendedores, jejuadores taciturnos, que haviam guardado silêncio durante a vida do defunto, mas abriam agora a boca, coisa deplorável, porque suas palavras influíam fortemente nos jovens religiosos. O monge de S. Sava de Kerm

Obde
"O
men
Já
rio,
essa
men
gado
impo
que
que
entã
ciso
vave

— Tu voltarás! — murmurou o Padre Paísi, acompanhando-o com os olhos e com dolorosa surpreza.

...e non si può fare nulla a meno che si voglia
...con l'unico scopo di far sì che la nostra nazione

— Nós também suspeitamos d'êle.

Mítia baixou os olhos.

— Basta de brincadeiras, escutem: desde o comêço, quase no momento em que saí de trás daquela cortina, esta idéia já me viera: "Foi Smierdiákov!" Sentado a esta mesa, quando gritava a minha inocência, o pensamento de Smierdiákov me perseguia. Agora, por fim, pensei nê-le, mas por espaço de um segundo, e logo disse a mim mesmo: "Não, não foi Smierdiákov!" Esse crime não é obra d'êle, senhores!

— Não suspeita então de alguma outra personagem? — perguntou com precaução Nikolai Parfiénovitch.

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

— Não, não, não Smierdiákov! — disse resolutamente.

— Mas a existência que não foi êle?

explicasse com mais detalhes como se mantinha êle sôbre a paliçada. Mítia admirou-se.

— Ora! Estava sentado assim, a cavalo, com uma perna de cada lado...

— E o pilão?

— Tinha-o na mão.

— Não estava no seu bôlso? Lembra-se dêsse detalhe? O senhor deve ter golpeado do alto.

— É provável. Por que essa observação?

— Quereria o senhor colocar-se sôbre sua cadeira como estava então na paliçada, para nos mostrar perfeitamente como o senhor golpeou?

— Será que não está zombando de mim? — disse Mítia, levantando-se do de alto a baixo o procurador; mas êste não fez nenhuma observação.

Mítia pôs-se a cavalo sôbre a cadeira e levantou o braço:

— Eis como golpeei! Como matei! Estes são os feitos?

— Agradeço-lhe. Não querera explicar-lhe por que de novo saltou para o jardim e com que fim?

— Com os diabolos. Para ver o ferido e saber quem fugia?

— Não, perturbado, que se encontrava em que fugia?

— Sim, numa situação daquela que se encontra em que fugia?

— Quería ir-lhe em socorro?

— Como? Sim, talvez, em socorro, não sei.

— Não se dava conta o senhor de seus atos?

— Oh! dava-me bem conta d'êles. Lembra-se de todos os detalhes.

— Saltei para ver e enxuguei-lhe o suor da testa com o meu lenço.

— Vimos seu lenço.

— Não sei... Quer saber mais alguma coisa?

— Ah! queria saber mais alguma coisa?

— Não sou médico, não posso dizer-lhe se o ferido estava vivo ou morto.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

— Não bem.

DEPOIMENTOS DAS TESTEMUNHAS. O NENÊ

Começou o interrogatório das testemunhas. Mas não prosseguiremos nosso relato de uma maneira tão detalhada como até agora, deixando de lado a maneira pela qual Nikolai Parfiénovitch lembrava a cada testemunha que devia depor de acordo com a verdade e sua consciência, e repetir mais tarde seu depoimento sob juramento, etc. Notaremos somente que o ponto essencial, aos olhos do juiz, era a questão de saber se Dimítri Fiódorovitch tinha gasto 3 000 rublos ou 1 500 por ocasião de sua primeira estada em Mókroie, um mês antes, bem como na véspera. Ai! todas as testemunhas, sem exceção, foram desfavoráveis a Mítia, algumas contavam fatos novos, quase esmagadores, que infirmavam as declarações d'ele. O primeiro interrogado foi Trifon Borísovitch. Apresentou-se sem o menor temor, pelo contrário, cheio de indignação contra o acusado, o que lhe conferiu grande ar de veracidade e de dignidade. Falou pouco, com reserva, esperando as perguntas às quais respondia com firmeza, refletindo. Declarou, sem reboços, que um mês antes o acusado deveria ter gasto pelo menos 3 000 rublos, que os muíques testemunhariam isso, tinham ouvido o próprio Mítri Fiódorovitch dizê-lo.

— Quanto dinheiro atirou ele aos ciganos! Só com eles, creio que deve ter gasto mais de 1 000 rublos.

— Não cheguei talvez a dar-lhes nem 500 — observou Mítia. — Somente não os contei então, estava bêbedo. É pena.

Mítia escutava com ar sombrio, parecia triste e fatigado e parecia dizer: “Ora! Contem o que quiserem, agora para mim dá no mesmo”.

— Os ciganos custaram-lhe mais de 1 000 rublos, Mítri Fiódorovitch. O senhor atirava-lhes o dinheiro sem contar e eles o apanhavam. É uma corja de gatunos, roubam os cavalos, foram expulsos daqui, senão teriam talvez declarado a quanto montou o ganho d'eles. Eu mesmo vi então a soma nas mãos do senhor — o senhor não me deu a contar, é verdade —, mas assim à vista, lembro-me, havia bem mais de 1 500 rublos... Nós também sabemos o que seja o dinheiro...

Quanto à soma do dia anterior, Dimítri Fiódorovitch lhe havia declarado, desde sua chegada, que trazia 3 000 rublos.

— Vejamos, Trifon Borísovitch, declarei eu que trazia 3 000 rublos?

— Mas sim, Mítri Fiódorovitch. Disse-o em presença de Andriéi. Ele ainda está aqui, chamem-no. E na sala, quando o senhor servia o côro, exclamou mesmo que deixava aqui sua sexta nota de 1 000 rublos, contando com a outra vez, bem entendido. Stiepan e Siemion ouviram isso, Piotr Fomitch Kolgánov mantinha-se então ao lado do senhor, talvez também ele se lembre...

A declaração relativa ao sexto milhar de rublos impressionou os juizes e lhes agradou pela sua clareza: 3 000 então, 3 000 agora, completavam bem os 6 000.

Foram interrogados os muíques Stiepan e Siemion, o cocheiro Andriéi, que confirmaram o depoimento de Trifon Borísovitch. Além disso, consignou-se a conversa que Andriéi tivera em caminho com Mítia perguntando se iria para o céu ou para o inferno e se lhe perdoariam no outro mundo. O “psicólogo” Ipolit Kirílovitch, que escutara, sorrindo, recomendou que se acrescentasse essa declaração aos autos.

Quando chegou sua vez, Kolgánov apresentou-se a contragosto, com ar sombrio, caprichoso, e conversou com o procurador e Nikolai Parfiénovitch, como se os visse pela primeira vez, quando os conhecia desde muito tempo. Começou por dizer que “não sabia de nada e de nada queria saber”. Mas ouvira Mítia falar da sexta nota de 1 000 e confessou que se encontrava então ao lado d'ele. Ignorava a soma que Mítia podia ter e afirmou que os poloneses tinham trapaceado no jogo de baralho. Após perguntas reiteradas, explicou que, expulsos os poloneses, Mítia voltara às boas graças junto a Agrafiéna Aliéksándrovna e que esta declarara amá-lo. A respeito desta última exprimiu-se com delicadeza, como se pertencesse ela à melhor sociedade, não se permitiu nem uma só vez chamá-la Grúchenka. Malgrado a repugnância visível do rapaz em depor, Ipolit Kirílovitch reteve-o muito tempo e somente por ele soube do que constituía, por assim dizer, o “romance” de Mítia naquela noite. Nem uma vez Mítia interrompeu Kolgánov, que se retirou sem esconder sua indignação.

Passaram aos poloneses. Tinham-se deitado em seu quartinho, mas não haviam pregado olho a noite toda; à chegada das autoridades, vestiram-se rapidamente, compreendendo que iriam chamá-los. Apresentaram-se com dignidade, mas não sem apreensão. O *pan* baixinho, mais importante, era funcionário aposentado, de décima-segunda classe, servira como veterinário na Sibéria e se chamava Mussialóvitch. *Pan* Vrubliévski era dentista. As perguntas de Nikolai Parfiénovitch, responderam a princípio dirigindo-se a Mikhail Makaróvitch, que se conservava de lado, tomavam-no como a pessoa mais importante e chamavam-no, a cada frase, *pan polkhóvnik*. * Conseguiram fazer que eles compreendessem seu erro, aliás falavam corretamente o russo, salvo a pronúncia de certas palavras. Ao falar de suas relações com Grúchenka, *pan* Mussialóvitch pôs nisso um ardor e uma atividade que exasperaram Mítia; exclamou que não permitia que um “tratante” se expressasse assim em sua presença. *Pan* Mussialóvitch rebateu o termo e rogou que o mencionássemos nos autos. Mítia ferveu de cólera.

— Sim, um tratante! Façam contar, isto não me impedirá de repetir que ele é um tratante.

Nikolai Parfiénovitch deu prova de muito tato por ocasião deste desagradável incidente; depois de uma severa repreensão a Mítia, renunciou a inquirir a respeito do lado romanesco do caso e passou ao fundo. Os juizes interessaram-se bastante pelo depoimento dos poloneses, segundo o qual Mítia oferecera 3 000 rublos a *pan* Mussialóvitch para renunciar a Grúchenka; 700 de contado e o resto “amanhã de manhã na cidade”. Afirmava sob palavra de honra não ter consigo, em Mókroie, a soma completa. Mítia declarou a princípio que não prometera fazer o pagamento no dia seguinte na cidade, mas *pan* Vrubliévski confirmou o depoimento, e Mítia, depois de pensar, conveio que poderia ter falado assim na sua exaltação. O procurador fez grande caso desse depoimento; tornava-se claro para a acusação que uma parte dos 3 000 rublos caídos nas mãos de Mítia tinha podido ficar escondida na cidade, talvez mesmo em Mókroie. Assim se explicava uma circunstância embaraçosa para a acusação, o fato de terem sido encontrados apenas 800 rublos com Mítia; era, até então, a única que falava em seu favor, por mais insignificante que fosse. Agora, aquele único testemunho vinha abaixo. À pergunta do procurador: onde teria ele arranjado os 2 300 rublos prometidos ao *pan* para o dia seguinte, quando ele

* Senhor coronel, em polonês.

próprio afirmava não ter em seu poder senão 1 500, havendo dado sua palavra de honra, respondeu Mítia que tinha a intenção de propor ao pan, em lugar de dinheiro, a transferência por ato em cartório de seus direitos sobre a propriedade de Tchermachniá, já oferecidos a Samsónov e à Senhora Khokhlakova. O procurador sorriu da "ingenuidade do subterfúgio".

— E o senhor pensa que ele teria consentido em aceitar esses "direitos" em lugar de 2 300 rublos em dinheiro?

— Decerto, porque isso lhe iria dar não 2 000, mas 4 000 e até mesmo 6 000 rublos. Teria mobilizado seus advogados judeus e poloneses, que haveriam de trazer o velho num cortado.

Naturalmente, o depoimento de pan Mussialóvitch foi transcrito *in extenso* nos autos, depois do que ele e seu companheiro puderam retirar-se. O fato de haverem trapaceado no jogo foi silenciado; Nikolai Parfiénovitch era-lhes grato e não queria inquietá-los por bagatelas, tanto mais quanto se tratava de uma querela entre jogadores embriagados e nada mais. Aliás, o escândalo não faltara naquela noite... Os 200 rublos ficaram assim no bolso dos poloneses.

Chamaram em seguida o velho Maksímov. Entrou timidamente, a passos miúdos, o ar triste e a roupa em desordem. Refugiara-se todo o tempo junto a Grúchenhka, sentado ao lado dela em silêncio, "pronto a choramingar, enxugando os olhos com seu lenço de quadrados", como contou mais tarde Mikhail Makárovitch. Tanto que era ela quem o acalmava e consolava. De lágrimas nos olhos, o velho pediu desculpas por ter perdido emprestados 10 rublos a Dimitri Fiódorovitch, visto sua pobreza, e declarou-se pronto a restituí-los... Tendo-lhe Nikolai Parfiénovitch perguntado quanto ele pensava que Dimitri Fiódorovitch tinha em dinheiro, visto que podia observá-lo de perto ao pedir-lho emprestado, respondeu Maksímov categoricamente: 20 000 rublos.

— O senhor viu antes alguma vez 20 000 rublos? — perguntou Nikolai Parfiénovitch, sorrindo.

— Como não? Decerto. Não 20 000, mas 5 000, quando minha esposa hipotecou minha propriedade. Para falar a verdade, ela só mos mostrou de longe e aquilo formava uma massaroca bem grossa de notas de 100 rublos. Dimitri Fiódorovitch também estava com notas de 100 rublos...

Não o retiveram muito tempo. Por fim chegou a vez de Grúchenhka. Os juizes temiam a impressão que sua chegada poderia produzir em Dimitri Fiódorovitch, e Nikolai Parfiénovitch dirigiu-lhe mesmo algumas palavras de exortação, às quais Mítia respondeu com um aceno de cabeça, indicando assim que não haveria desordem. Foi Mikhail Makárovitch quem trouxe Grúchenhka. Ela entrou, o rosto rígido e sombrio, o ar quase calmo, e tomou lugar em frente de Nikolai Parfiénovitch. Estava muito pálida e enrolava-se frouxamente no seu belo xale negro. Sentia, com efeito, o arrepio da febre, começo da longa doença que contraiu naquela noite. Seu ar rígido, seu olhar franco e sério, a calma de suas maneiras produziram a impressão mais favorável. Nikolai Parfiénovitch ficou mesmo seduzido; contou mais tarde que somente então compreendera quanto era encantadora aquela mulher; antes via nela "uma cortesã de subprefeitura". "Tem as maneiras da melhor sociedade", deixou ele escapar uma vez com entusiasmo num círculo de senhoras. Ouviram-no com indignação e logo o trataram de "descarado", o que o encantou. Ao entrar, lançou Grúchenhka a Mítia um olhar furtivo; ele, por sua vez, a examinou com inquietação, mas seu ar tranqüilizou-o. Após as perguntas habituais, Nikolai Parfiénovitch, com alguma hesitação, mas com o ar mais polido, perguntou-lhe

"quais eram suas relações com o tenente reformado Dimitri Fiódorovitch Karamázov".

— Era um conhecido e como tal o recebi em minha casa neste último mês.

Em resposta a outras perguntas, declarou francamente que não amava Mítia então, se bem que ele lhe agradasse "por momentos"; seduzira-o por maldade, bem como ao velho; o ciúme que Mítia sentia de Fiódor Pávlovitch e de todos divertia-a. Jamais pensara em ir à casa de Fiódor Pávlovitch, de quem ela zombava. "Durante todo este mês, não me interessava por eles; esperava um outro, que tinha culpa para comigo... Sômente acho que não precisam os senhores de interrogar-me a esse respeito e não tenho obrigação de responder-lhes. Trata-se de minha vida privada."

Nikolai Parfiénovitch deixou imediatamente de lado os pontos "romancescos" e abordou a questão capital dos 3 000 rublos. Grúchenhka respondeu que fora mesmo a soma gasta em Mókroie um mês antes, segundo as palavras de Dimitri, porque ela mesma não havia contado as cédulas.

— Disse-lhe ele isso em particular ou diante de terceiros, ou então só o soube a senhora por intermédio de outras pessoas? — perguntou logo o procurador.

Grúchenhka respondeu afirmativamente a essas três perguntas.

— Ouviu-o a senhora dizê-lo em particular uma ou várias vezes?

Respondeu que várias vezes.

Ipolít Kirilovitch ficou bastante satisfeito com esse depoimento. Ficou depois estabelecido que Grúchenhka sabia que o dinheiro provinha de Catarina Ivánovna.

— Não ouviu a senhora dizer que Dimitri Fiódorovitch gastara então menos de 3 000 rublos e guardara para si a metade?

— Não, nunca.

Pelo contrário, havia um mês Mítia lhe declarara por várias vezes estar sem dinheiro. "Esperava sempre recebê-lo de seu pai", concluiu Grúchenhka.

— Não disse ele, diante da senhora... incidentalmente ou num momento de irritação — perguntou de repente Nikolai Parfiénovitch —, que tinha intenção de tentar contra a vida de seu pai?

— Sim, ouvi-o dizer — respondeu Grúchenhka.

— Uma vez ou várias?

— Várias vezes, sempre em acessos de cólera.

— E a senhora acreditava que ele poria esse projeto em execução?

— Não, nunca! — respondeu ela com firmeza. — Contava com a nobreza de seus sentimentos.

— Senhores, um instante — exclamou Mítia —, permitam-me que diga, na presença dos senhores, uma palavra apenas a Agrafigena Aliekándrovna.

— Pode falar — consentiu Nikolai Parfiénovitch.

— Agrafigena Alieksándrovna — disse Mítia, levantando-se —, ju-ro-o perante Deus: sou inocente da morte de meu pai!

Mítia tornou a sentar-se. Grúchenhka levantou-se, benzeu-se piedosamente diante do ícone.

— Deus seja louvado! — disse ela com efusão e acrescentou, dirigindo-se a Nikolai Parfiénovitch: — Acredite no que ele disse! Eu o conheço, é capaz de dizer não se o que por brincadeira ou por teimosia, mas nunca fala contra a sua consciência. Diz a verdade completa, esteja certo!

QUARTA PARTE

CIVIL X MORTE DE VIÚCHA

PLÓTIKOV
KRASÓTKIN

Primeiros dias de novembro. Onze graus de frio e rigêlo. Durante a noite, caiu um pouco de neve seca, que o vento áspero e picante levanta e varre através das ruas e das trevas de nossa cidadezinha sobeando na praça do mercado. É escura a manhã, mas a neve cessa. Não longe da praça, perto da loja dos Plótnikovi, encontra-se a casinha, muito limpinha no exterior e no interior, da Senhora Krasótkin, viúva de um funcionário. Completar-se-ão em breve catorze anos da morte do secretário do governo Krasótkin, mas sua viúva, ainda graciosa e com pouco mais de trinta anos, vive de suas rendas em sua casinha. Doce e alegre, leva uma existência modesta e digna. Tendo ficado viúva aos dezotois anos, com um filho que acabava de nascer, consagrou-se inteiramente à educação de Kólia. Amava-o cegamente, mas o menino lhe causou certamente mais pesares que alegrias, no temor perpétuo de vê-lo adoecer, esfriar-se, vadiar, ferir-se ao brincar, etc. Quando Kólia entrou para o colégio, sua mãe pôs-se a estudar todas as matérias, a fim de ajudá-lo a fazer seus exercícios, teve conhecimento com os professores e suas espôsas, adulou mesmo as camaradas de seu filho, para evitar que zombassem dele ou que se dessem. Chegou a ponto de começar com os colegas a zombar verdadeiramente de Kólia, a importuná-lo com o queridinho da mamãe. Mas o menino soube fazer-se respeitar. Era ousado e logo passou a achá-lo na classe "duzentos e vinte", e além disso esperto, de caráter teimoso, espírito audaz e empreendedor. Era um bom aluno, corria mesmo o rumor de que era matematicamente perfeito, passava a perna no Professor Dardaiélov. Mas não se podia dizer que possuísse certo ar de superioridade, era um camarada e nada mais. Aceitava com respeito o respeito dos colegas e não se permitia ultrapassar o limite do qual a vivacidade não pode ser tolerada, tornando-se desordem e insubordinação. No entanto, estava sempre pronto à travessura, quando se ensejava ocasião, como o derradeiro dos garotos, ou antes a bancar de malicioso, a chamar a atenção. Cheio de amor-próprio, soubera ganhar ascendência sobre sua mãe, que sofria desde muito tempo o seu despotismo. Somente era-lhe insuportável a idéia de que seu filho a amava pouco. Kólia parecia-lhe sempre insensível a seu respeito e acontecia que, numa

— Mas sei bem que não fui eu, estás delirando? — disse Ivã, pálido, com um sorriso que era mais uma careta. Encarava Aliócha. Encontravam-se de novo perto de um lampião.

— Não, Ivã, disseste a ti mesmo várias vezes que eras tu o assassino.

— Quando o disse?... Estava em Moscou... Quando o disse? — repetiu Ivã perturbado.

— Tu o disseste a ti mesmo quando ficavas sozinho, durante aqueles dois terríveis meses — disse Aliócha brandamente. Dir-se-ia que falava, malgrado seu, obedecendo a uma ordem imperiosa. — Tu te acusaste, reconheste que o assassino não era o outro senão tu. Mas enganas-te, não és tu, tu mentas! Não és tu! É Deus quem me envia para dizer-to.

Ambos se calaram durante um minuto. Pálidos, fiavam-se bem nos olhos. De repente, Ivã estremeceu e agarrou Aliócha pelo ombro.

— Estava em minha casa! — cochichou-lhe com os dentes cerrados. — Estava em minha casa, à noite, quando ele veio... Confessa-o... Visitas?

— De quem falas? — perguntou Aliócha, que não compreendia.

— Dê-le o diabo o melhor! — vociferou Ivã. — Será que sabes que ele vem ver-me? Como soube? Fala!

— “Ele”, quem? Ignoro a quem te referes — disse Aliócha, atemorizado.

— Não, não sabes... senão como é que tu não podes deixar de saber...

Mas contê-lo. Parece mediar. Um sorriso estranho pregueava-lhe os lábios.

— Meu irmão — prosseguiu Aliócha, com voz tremula —, disse-te isto porque estava na minha palaneta, e sei. Foi só uma vez para sempre: “Não o óste!” Ouves? Foi só uma vez para sempre. E foi Deus quem me inspirou, cada que tantas das coisas de doravante.

Mas Ivã voltava a olhar para ele com um sorriso frio —, não gosto nem dos profetas nem dos epígrafos; sobretudo dos enviados de Deus, você bem sabe. Desde agora, rompo com você e sem dúvida para sempre. Logo me quebrei nesta encruzilhada. De resto, aqui está a rua que leva à sua casa. Sobretudo, evite vir à minha casa hoje, ouviu?

Voltou-se e afastou-se a passos firmes, sem se voltar.

— Meu irmão — gritou-lhe Aliócha —, se te acontecer alguma coisa hoje, pensa em mim!...

Ivã não respondeu. Aliócha ficou na encruzilhada, perto do lampião, até que Ivã desapareceu na escuridão. Retomou então lentamente o caminho de sua residência. Nem ele nem Ivã tinham querido morar na casa solitária de Fiódor Pávlovitch. Aliócha alugava um quarto mobiliado em casa de particulares. Ivã Fiódorovitch ocupava um apartamento espaçoso e bastante confortável na ala duma casa que pertencia a uma senhora abastada, viúva de um funcionário. Tinha para servi-lo apenas uma velha surda, entrevada de reumatismo, que se deitava e se levantava às 6 horas. Ivã Fiódorovitch tornara-se muito pouco exigente durante aqueles dois meses e gostava muito de ficar sozinho. Ele mesmo arrumava seu quarto e ia raramente às outras peças. Tendo chegado ao portão e já segurando o cordão da sineta,

parou. Sentia-se sacudido por um arrepio de cólera. Largou o cordão, cuspiu, e dirigiu-se bruscamente para o outro extremo da cidade, para uma casinha de madeira empenada, a 2 verstas de sua residência. Era ali que morava Maria Kondráievna, a antiga vizinha de Fiódor Pávlovitch, que ia à casa dele buscar sopa e à qual Smierdiákov cantava canções, acompanhando-se na guitarra. Vendera sua casa e vivia com sua mãe numa espécie de isbá: Smierdiákov, doente e quase moribundo, instalara-se em casa delas. Era para lá que se dirigia agora Ivã Fiódorovitch, cedendo a um impulso.

PRIMEIRA ENTREVISTA

Era a terceira vez que Ivã Fiódorovitch se encontrava com Smierdiákov, desde seu regresso da prisão. No primeiro dia de sua chegada, Ivã Fiódorovitch havia mais de um mês que não via Smierdiákov. Nada dele. Ivã Fiódorovitch não queria ver a morte de seu irmão. Aliócha o encorajava a ir vê-lo, mas Ivã não queria. Aliócha, que telegrafara para Ivã, não fora visitá-las assim. Depois de ter ido à prisão para a sua cidade, conversou em primeiro lugar com Aliócha, ficando surpreso por vê-lo afirmar a inocência de Mítia e designar Smierdiákov como o assassino, contrariamente à opinião geral. Depois de ter visto o *isprávník* e o procurador, tomou conhecimento com detalhes da acusação e do interrogatório, ficou mais espantado ainda e atribuiu a opinião de Aliócha unicamente ao seu extremo afeto fraterno, à compaixão que Mítia lhe inspirava. A esse propósito, explicamos de uma vez por todas os sentimentos de Ivã por seu irmão Dimítri Fiódorovitch: decididamente não gostava dele, a compaixão que ele lhe inspirava misturava-se a muito desprezo, indo até à aversão. Mítia era-lhe totalmente antipático, até mesmo fisicamente. Quanto ao amor de Catarina Ivãovna por ele, causava indignação a Ivã. Via Mítia no primeiro dia de sua chegada, e essa entrevista longe de o fazer ver uma confissão de culpabilidade, havia-a fortificado. Seu irmão estava então inquieto, numa agitação doentia, falava muito, mas estava desorientado, exprimia-se com brusquidão, acusava Smierdiákov, atrapalhava-se terrivelmente. Falava sobretudo dos 300 rublos roubados pelo defunto. “Aquêle di-nheiro me pertencia”, afirmava Mítia. “Mas como se eu o tivesse roubado, teria sido justo.” Não respondia quase às acusações que se elevavam contra ele e se discutia os fatos em seu favor era duma maneira confusa, canhestra, como se não quisesse mesmo justificar-se aos olhos de Ivã; pelo contrário, zangava-se, desdenhava as acusações, invectivava, acalorava-se. Zombava do testemunho de Gregório relativo à porta aberta, assegurava que era “o diabo quem a tinha aberto”. Mas não podia explicar esse fato de uma maneira plausível. Havia mesmo ofendido Ivã, por ocasião dessa primeira entrevista, declarando-lhe bruscamente que não cabia aos que sustentavam que “tudo é permitido” suspeitar dele e interrogá-lo. Em suma, mostrara-se bastante pouco amá-

velho criado, foi ele que nos fez atirar fora com uma maldição e instrumento fatal, não há outra explicação. Se podia sentir remorso desse assassinato, foi certamente porque estava inocente do de seu pai. Um parricida, longe de se aproximar da vítima por compaixão, só teria pensado em salvar a pele. Pelo contrário, repito-o, em lugar de ir atendê-la, teria acabado de rebentar-lhe o crânio. A piedade e os bons sentimentos supõem, previamente, uma consciência pura. Eis outra espécie de psicologia. É de propósito, senhores jurados, que recorro também eu à psicologia para demonstrar claramente que dela se pode tirar não importa o quê. Tudo depende daquele que opera. Quero falar dos excessos da psicologia, senhores jurados, do abuso que dela se faz."

Aqui se ouviram de novo, entre o público, risos aprovadores. Não reproduzirei por inteiro a defesa, limitando-me a citar-lhe as passagens essenciais.

XI

NEM DINHEIRO, NEM ROUBO

Houve uma passagem da defesa que surpreendeu todo mundo: foi a negativa formal da existência daqueles 3 000 rublos fatais e, por consequência, da possibilidade de um roubo.

"Senhores jurados, o que impressiona neste processo, a qualquer espírito não prevenido, é uma particularidade das mais características: a acusação de roubo e, ao mesmo tempo, a impossibilidade completa de indicar materialmente o que foi roubado. Pretende-se que 3 000 rublos desapareceram, mas ninguém sabe se existiram realmente. Julgai: em primeiro lugar, como viemos a saber da existência desses 3 000 rublos e quem os viu? Somente o criado Smierdiákov, que declarou que se encontravam eles num envelope subscrito. Falou disso antes do drama ao acusado e a seu irmão, Ivã Fiódorovitch. A Senhora Svetlova foi também informada. Mas essas três pessoas não viram o dinheiro e uma questão surge: se verdadeiramente ele existiu e Smierdiákov o viu, quando foi que o viu a derradeira vez? E se seu amo tivesse retirado esse dinheiro da cama para tornar a guardá-lo no cofre, sem lho dizer? Notai que, segundo Smierdiákov, estava ele oculto debaixo do colchão; o acusado deve tê-lo arrancado dali; ora, o leito estava intacto, como está provado nos autos. Como pode ser isso, e sobretudo, por que os lençóis finos colocados expressamente naquela noite não ficaram manchados pelas mãos ensanguentadas do réu? Mas, dir-se-á, e o envelope rasgado sobre o soalho? Vale a pena falar disso. Ainda há pouco, fiquei um tanto surpreso por ouvir o próprio eminente acusador dizer a esse respeito, quando assinalava o absurdo da hipótese de ser Smierdiákov o assassino: 'Sem esse envelope, se ele não tivesse ficado no chão como uma prova e o ladrão o tivesse levado, ninguém no mundo teria sabido de sua existência e de seu conteúdo'; e por conseguinte, do roubo cometido pelo acusado. Assim, pela própria confissão da acusação, é unicamente esse pedaço de papel rasgado, munido dum sobrescrito, que serve para culpar de roubo o réu, senão, ninguém teria sabido que houve roubo e, talvez, que o dinheiro existisse. Ora, o simples fato de achar-se no chão esse pedaço de papel basta para provar que continha dinheiro e que o roubaram? Mas, objeta-se, Smierdiákov viu-o no envelope. Quando o viu pela última vez? Eis o que

eu pergunto. Conversei com Smierdiákov, disse-me tê-lo visto dois dias antes do drama! Mas por que não supor, por exemplo, que o velho Fiódor Pávlovitch, trancado em seu quarto, na febril expectativa de sua bem-amada, teria, de toda, tirado e rasgado o envelope? 'Ela talvez não me acredite, mas quando eu lhe mostrar um maço de trinta cédulas, isto causará mais efeito, a água lhe virá à boca' — e rasga o envelope, retira dele o dinheiro e atira-o no chão, sem temer naturalmente comprometer-se. Senhores jurados, não vale esta hipótese o mesmo que a outra? Que há nela de impossível? Mas neste caso a acusação de roubo cai por si mesma; não havendo dinheiro, não há roubo. Pretende-se que o envelope encontrado no chão prova a existência do dinheiro; não posso eu sustentar o contrário e dizer que ele estava cheio e vazio no soalho precisamente porque aquele dinheiro tinha sido dele retirado previamente pelo seu próprio dono? 'Mas, neste caso, onde foi parar o dinheiro, não o encontram por ocasião da busca?' Em primeiro lugar, encontraram uma parte no seu cofreinho; depois pôde ele retirá-lo de manhã ou mesmo na véspera, dispor dele, enviá-lo, mudar afinal completamente de idéia, sem julgar necessário dar disso parte a Smierdiákov. Ora, se esta hipótese é um tanto pouco verossímil, como se pode inculpar tão categoricamente o réu de assassinato seguido de roubo e afirmar que houve roubo? Entramos assim no domínio da novela. Para sustentar que uma coisa foi roubada, é preciso designar essa coisa ou pelo menos provar irreversivelmente que ela existiu. Ora, ninguém nem mesmo a viu. Recentemente, em Petersburgo, um rapaz de dezoito anos, comerciante ambulante, entrou em pleno dia na casa de um cambista e levou a golpes de machado com uma audácia extraordinária, levando consigo o dinheiro. Foi preso cinco horas depois; encontrou em seu poder a carteira inteira, menos 15 rublos já gastos. Além disso, o dinheiro da carteira que se havia ausentado, indicou à polícia, não o montante do roubo, mas o valor e o número das cédulas e das moedas que se compunha a soma. Foi tudo o contrário de posse do rapazinho, fez aliás confissões completas, mas semeter nenhum dos que há para uma prova! O dinheiro está aí, mas se não há mais a existência. Dá-se o mesmo com esta que se ocupa aqui, o sorte de um homem está em jogo, pois se a hipótese for verdadeira, arrastar naquela mesma noite e estar o dinheiro, quando ele tinha 3 000 rublos que foram encontrados no seu poder. Mas por que não fazer de só terem encontrado 1 500 rublos a metade da soma? Que esse dinheiro não provinha talvez de mais algum do que ele estava guardando rigorosamente o tempo, estabeleceu o montante que ele depois de ter visto as erriadas, se dirigiu diretamente à casa do funcionário Pierkótin, pois não ficou só um instante, não tendo podido, pois, ocultar na cidade a metade dos 3 000 rublos. A acusação se baseia nisso para supor que o dinheiro está oculto em alguma parte na aldeia de Mókré. Por que não nos subterrâneos do Castelo de Udolfo, senhores? Não é isto uma suposição fantástica e romanesca? E notai, basta afastar os olhos para que a acusação de roubo venha a dar lugar a que não há mais esse dinheiro. Mas depois de qual, precisamente, de um dos que está demonstrado que não foi a parte alguma? E se o dinheiro está mesmo ali, que se tem pressa a destruir a vida humana. 'No entanto', dir-se-á, não soube ele explicar a presença do dinheiro encontrado no seu poder, e da qual sabe que ele não o viu antes.' Mas quem o sabia? O acusado explicou aonde estava onde provinha o dinheiro, e se quiserdes, senhores jurados, esta explicação é das mais

Cezar Migliorin é professor de Cinema na UFF. Trabalha com palavras e imagens. Realizou diversos filmes, entre eles *Meu nome é Paulo Leminski* (2004), *Ação e Dispersão* (2003) e o documentário *Educação* (2017), com Isaac Pipano. Publicou, dentre outros: *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá* (2015), *Cartas sem resposta* (2015), *A menina* (2014) e *Breve Inventário das Felicidade Instantâneas* (2018).

